

**CBPF - CENTRO BRASILEIRO DE PESQUISAS FÍSICAS**  
**Rio de Janeiro**

**Ciência e Sociedade**

CBPF-CS-004/13

outubro 2013

**Cesar Lattes**  
**\*1924 – †2005**

Alfredo Marques

**CS**  
*1963-2013*

Ministério da  
**Ciência, Tecnologia  
e Inovação**



## Cesar Lattes

\*1924 – †2005

Alfredo Marques

**Resumo:** A figura de Cesar Lattes é evocada com ênfase em aspectos humanos. Alguns episódios são re-visitados, algumas polêmicas rediscutidas no propósito de mostrar a pessoa e os sonhos que morreram com ela.

Decorreram oito anos desde o falecimento de Cesar Lattes dia 8 de março de 2005. Por ocasião dessa data, ao longo de sucessivos anos, costumo mergulhar no passado, evocando episódios que compartilhei com o inesquecível amigo. Não raro me assalta o pensamento de que para as novas gerações toda riqueza de sua pessoa está confinada a um banco de

dados que recebeu seu nome. Estimulado pela abertura de uma nova fase de Ciência e Sociedade e pela passagem dos 100 anos de Radiação Cósmica, de cuja comunidade Lattes foi destacado membro, animei-me a escrever as linhas que seguem dirigidas especialmente para o público mais jovem.



Cesare Mansueto Giulio Lattes nasceu em Curitiba aos 11 de julho de 1924. Seu pai, alto executivo de importante banco europeu, garantiu-lhe e a seu irmão mais velho, David Primo, infância confortável e tranquila. Cedo se transferiram para S.Paulo, onde completaram seus estudos. David formou-se em engenharia e tornou-se um dos maiores empresários paulistas na área imobiliária; construiu vultoso patrimônio, com numerosas posses.

Cesare (César, como o conhecemos) prestou exame vestibular ao Departamento de Física da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP em 1941. Revelou extenso conhecimento de Física nas páginas do exame escrito que prestou, prenunciando um talento excepcional<sup>1</sup>. Graças a suas qualificações foi logo inserido em atividades de pesquisa, tendo publicado um trabalho sobre Abundância

dos Elementos com Gleb Wataghin, fundador e Chefe do Departamento de Física, outro com Mario Schemberg sobre Teoria do Elétron. Entretanto foi o trabalho de montagem e operação de uma Câmara de Wilson com Giuseppe Occhialini que o fascinou e marcou sua vida.

Giuseppe Occhialini ingressou no Departamento de Física da Faculdade graças aos urgentes contatos e empenhos de seu pai na Itália, temeroso de que fosse preso pela polícia política a partir das críticas destemperadas que fazia publicamente à Mussolini e ao fascismo. Wataghin o acolheu de braços abertos: Occhialini já era um pesquisador sênior. Destacara-se por originais contribuições à operação da Câmara de Wilson que muito contribuíram para seu uso na radiação cósmica e também pela descoberta das Cascatas Eletromagnéticas, durante sua estada em Cambridge junto a Paul M.S. Blackett. Inquieto e vivaz mantinha o intelecto a reboque de uma excepcional intuição. Dizia-se a boca pequena que desconhecia

<sup>1</sup> Marcelo Damy de Souza Santos em Cesar Lattes 70 Anos: A Nova Física Brasileira, Editor Alfredo Marques, CBPF, 1994.

o cálculo, que era incapaz de fazer  $\int x \cdot dx$  etc. Não se abalava. Confiava inteiramente no poder da intuição, na minuciosa observação e no trabalho obstinado. Teve outras seduções ao longo da vida; além da radiação cósmica: fez alpinismo em busca de sítios especiais para observações geológicas e mergulhou na exploração de cavernas por amor à aventura. Para completar sua figura, um testemunho que Lattes me deu: Occhialini se sentia diminuído cada vez que assinava um trabalho científico com Blackett, cujo nome vinha precedido por uma longa fila de iniciais: P.M.S. Blackett. Considerava aquilo uma exibição ostensiva de linhagem, destinada a valorizar sua pessoa perante os coautores que não dispusessem daquele privilégio. Sentindo-se diminuído por ter apenas o bífido G.(de Giuseppe) como indicador de 'pedigree', passou a assinar seus trabalhos científicos como G.P.S. Occhialini, acrescentando arbitrariamente um P. e um S. absolutamente inócuos.<sup>2</sup>

O espírito de aventura, a confiança absoluta na observação e experimentação, a entrega apaixonada ao trabalho - marca registrada de Occhialini - foram herdados dos pioneiros da radiação cósmica. É bom que se fale um pouco a respeito para melhor apreciar a figura de Lattes.

Estamos habituados a ouvir que a radiação cósmica foi descoberta em 1912 por Viktor Hess após um bem sucedido voo tripulado de balão onde os instrumentos mostraram que a condução elétrica do ar aumentava com a altitude do voo. Isto é de fato uma minúscula parte de toda a história. Hess, ele próprio, fez nada menos que sete voos tripulados em balão e apenas no último declarou ter encontrado a *Höhenstrahlung* (radiação das alturas). Não obstante, outros pesquisadores ainda insatisfeitos voaram mais alto, notadamente Werner Kolhörter que atingiu a altitude de 9 km em voo tripulado puxado por um balão cheio com hidrogênio e confirmou a conclusão de Hess. Mas não ficou aí: Erich Regener mandou balões não tripulados até altitudes de 20 km, confirmando também o resultado de Hess. Ninguém 'passou recibo' a não ser depois que exaustivas comprovações se acumularam, o que tomou anos. O voo final de Hess foi em 1912, Kolhörter suspendeu seus voos em 1914, início da Primeira Guerra Mundial e Regener entrou pelos anos '20, pois precisou esperar pelo final dela. R.A. Millikan também adentrou os anos '20; contestou as medições de Hess e protagonizou um deplorável episódio de cobiça em busca de notoriedade O episódio está detalhado no relato muito completo e minucioso sobre o período dos trabalhos pioneiros na radiação cósmica feito por M. Walter e A.W.Wolfendale<sup>3</sup>. Arrisco-me a sintetizar o comportamento do grupo de pioneiros detalhado naquele relato:

1. Questionar a natureza sempre através da observação e experimentação sem a intervenção de ideias ou juízos

preconceituosos;

2. Mergulhar no trabalho com total entrega e coragem, ignorando riscos e desconfortos pessoais;
3. Acumular exaustivamente comprovações dos resultados obtidos antes de aceitá-los como definitivas.

Essa tríade constituiu uma espécie de manual de ação para os pioneiros da radiação cósmica que passou como herança às gerações dos anos '30 e '40. Lattes foi um fervoroso seguidor.



A descoberta do méson- $\pi$  em 1947 repercutiu intensamente nos meios científicos. De um lado, confirmava as ideias de H. Yukawa sobre as forças nucleares. De outro, resolvia os impasses que envolviam o mesotron, detectado no início dos anos '30, nas tentativas de sua identificação como o méson de Yukawa. Lattes, aos 23 anos, passou a conviver com os seletos extratos da física internacional sendo convidado para palestras e seminários em ambientes cientificamente refinados, onde ecoavam ilustres vozes como as de Niels Bohr e Werner Heisenberg. A produção artificial do méson-, ano seguinte em Berkeley, levou sua reputação científica para além das paredes dos laboratórios e organizações científicas especializadas, alcançando notoriedade. É que Ernest Orlando Lawrence, diretor do laboratório de Berkeley, recorreu a Lattes para resolver os problemas que impediam a observação do méson no seu acelerador. A máquina um ciclotron modificado teria energia de aceleração suficiente para produzir o méson, mas a partícula não era observada. Após o êxito de Lattes demonstrando

<sup>2</sup> Fui advertido durante a fase de avaliação do manuscrito que o P e o S correspondem, de fato, ao sobrenome completo de Occhialini. O "P" corresponde a Paolo, o "S" a Stanislao. O primeiro parece demasiado simplório, o segundo um tanto extravagante, de modo que Lattes pode não ter dado crédito à essa informação caso tenha vindo de Occhialini, sempre pronto a pregar pequenas peças nos amigos.

<sup>3</sup> M. Walter e A.W. Wolfendale, Early history of cosmic particle physics, Eur. Phys. J. H 37, 323-358 (2012)

que o méson- estava sim sendo produzido, Lawrencet deu a maior promoção ao evento. De um lado ficou radiante com o fato em si que confirmava o acerto de suas ideias para liberar os cíclotrons dos limites na energia máxima de aceleração, transformando-os em sincrociclotrons. De outro porque precisava obter verbas para construir uma máquina nova incorporando a inovação e para isso nada como uma ampla campanha publicitária. Lattes foi capa de revistas, teve o nome estampado repetidamente na mídia impressa e eletrônica no exterior e no Brasil. Sua notoriedade em áreas nucleares deu ao Almirante Álvaro Alberto, químico especialista em explosivos, presidente da Academia Brasileira de Ciências, o elemento que faltava para mobilizar a Burocracia brasileira. Desde o final da segunda guerra mundial defendia a criação no Brasil de um sistema gerador de recursos humanos qualificados para aproveitar as reservas de material nuclear que o país possuía. Suas tentativas sempre fracassaram não apenas pelo pequeno tamanho da comunidade científica brasileira, mas principalmente pela falta de notoriedade quanto a sua competência nessas áreas. A disposição de Lattes de se radicar no Brasil para unir-se a esse projeto, abandonando as sedutoras oportunidades que tinha no exterior, mudou completamente a situação. Logo foram criados o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas em 1949 e o CNPq, em 1951. Lattes tornava-se assim, com essa opção, uma espécie de patrono da moderna ciência brasileira.



Deu prosseguimento a trabalhos sobre as propriedades do méson- em Chacaltaya, onde completara a descoberta. Institucionalizou a precária organização local como um departamento do CBPF para assegurar contrapartida a projetos de pesquisas vindos do exterior. Cedo cresceram as modestas instalações que originalmente encontrou e atraíram pesquisadores e estudantes da América Latina e de todo o

mundo, transformando-se no Laboratório de Física Cósmica de Chacaltaya.

No mesmo ano da descoberta do méson- $\pi$ , dois pesquisadores da Universidade de Manchester, operando uma Câmara de Wilson ao nível do mar, estamparam fotos de enigmáticas partículas que chamaram “partículas-V. Ninguém conseguiu repetir esse feito operando Câmaras de Wilson ao nível do mar. De fato aqueles eventos são de tal modo raros naquelas condições que ninguém conseguiu reunir tanta sorte quanto os pesquisadores de Manchester (encontraram dois eventos). Na altitude de Chacaltaya, entretanto, os processos para a criação daquelas partículas seriam muito favorecidos. Lattes conseguiu a doação de uma Câmara de Wilson da Universidade de Chicago e mergulhou na aventura de levá-la até Chacaltaya. No trajeto demonstrou intrepidez, coragem, total entrega e indiferença a riscos e desconfortos, no melhor estilo dos pioneiros da radiação cósmica, O longo trecho por ferrovia em locomotiva a vapor, respirando fumos cáusticos saturados de irritante fuligem; a travessia dos alagados do Rio Grande em carroças com tração animal; o zunido frenético das nuvens de mosquitos nas paradas destinadas ao descanso; o trecho de estrada entre Cochabamba e LaPaz serpenteando os altos da cordilheira, onde uma fileira contínua de cruces identifica o ponto em que alguém não conseguiu manter na estrada ao menos três rodas da viatura, constituem eloquente testemunho de sua fidelidade às regras deixadas pelos pioneiros da radiação cósmica sintetizadas acima. Infelizmente, montada e posta a funcionar, a Câmara apresentou um defeito incontornável que impediu sua utilização.

Lattes recebeu numerosos prêmios no Brasil e no exterior pela repercussão que suas atividades tiveram. Foi distinguido com o prêmio Moinho Santista, concedido pela conhecida empresa paulista por indicação do CNPq. Recebi, em seu nome, das mãos do Presidente Lula, em homenagem póstuma, a comenda de Cavaleiro da Ordem de Rio Branco. Recebeu em vida o título de Cidadão Boliviano, a comenda Andrès Bello do governo da Venezuela, o prêmio Bernardo Houssay concedido pela OEA e outro pela Academia de Ciências do Terceiro Mundo, em Trieste, pelos estímulos que trouxe ao progresso da ciência em países em desenvolvimento. Lattes acolheu essas distinções com justa gratificação, mas sem qualquer travo de exibicionismo ou soberba. Indagado certa vez sobre não ter recebido o prêmio Nobel, quando aquele prêmio foi concedido a C.F.Powell coautor do trabalho que anunciou o méson- $\pi$  respondeu: ‘se o tivesse recebido provavelmente estaria hoje assoberbado, assinando cartas de recomendação para postulantes de acesso à carreira científica; prefiro continuar ocupado com meu trabalho de sempre’.

Teve, ainda em vida, seu nome dado a numerosos logradouros públicos, escolas e edifícios como este que abriga a sede do CBPF. Foi homenageado também pela música popular brasileira, numa composição de Gilberto Gil denominada Ciência e Arte, distribuída no CD de nome Quanta<sup>4</sup>.

<sup>4</sup> O folheto que acompanha o CD tem uma carta de Lattes a Gil, onde se manifesta sobre as composições no disco e o uso de alguns termos da física moderna. Aí revela sua antipatia pelos “quarks” por inobserváveis

Como sempre, recebeu essas homenagens com orgulho e gratificação, mas com comedimento, sem ostentação. Era dono de um gosto requintado, mas amante da simplicidade. Gostava das coisas e das pessoas simples a quem sempre dispensou tratamento afetuoso e considerado.



Sua fidelidade à regra que demanda total prioridade à observação e experimentação nas consultas dirigidas à Natureza livre da influência de juízos ou ideias preconceituosas, foi responsável por algumas polêmicas notáveis. Uma delas teve lugar quando se licenciou do CBPF e foi para Chicago com a saúde abalada. Lattes considerava precária do ponto de vista experimental a atribuição do valor zero ao spin do méson-. A descoberta da não conservação da paridade nas interações fracas abriu uma nova possibilidade para a medida daquele parâmetro. Observando a distribuição angular dos elétrons emitidos no decaimento  $\mu - e$  em relação à direção de emissão do múon é possível decidir entre  $S=0$  e  $S=1$ . No primeiro caso os elétrons são isotropicamente distribuídos e no segundo não. Diante da anisotropia observada por uma colaboração Chicago-Minneapolis em emulsões expostas à radiação cósmica em voo de balão, Lattes questionou a atribuição de spin 0 ao méson-, a despeito dos argumentos teóricos em favor daquele valor. Logo a seguir uma grande polêmica internacional se montou: grupos trabalhando com aceleradores, usando o mesmo método acumularam dados consistentes com  $S=0$  e grupos trabalhando com emulsões expostas à radiação cósmica com  $S=1$ . A polêmica foi encerrada publicando todos os dados da radiação cósmica em um volume do *Nuovo Cimento*, sem que o impasse fosse

resolvido. Indagado sobre se lhe parecia razoável que a natureza tivesse dois mésons com comportamentos diferentes, um para a radiação cósmica, outro para os aceleradores respondeu: ‘ Não sei, mas a resposta deve ser buscada na radiação cósmica e nos aceleradores e não na cabeça da gente’.

Outra grande polêmica nascida de sua fé no método experimental como instrumento absoluto para a indagação da natureza, não teve a repercussão internacional da primeira, mas seu desfecho foi mais gratificante: Lattes emergiu dela como o precursor de uma revolução no campo da cristalografia que culminou com a concessão do prêmio Nobel de Química de 2011 a Dan Schechtman e com um novo entendimento sobre o que é um cristal. Tudo começou com sua viagem à Pisa em busca de métodos de datação de idade geológica que pudesse usar para obter informações sobre a variação com o tempo de algumas constantes da física.

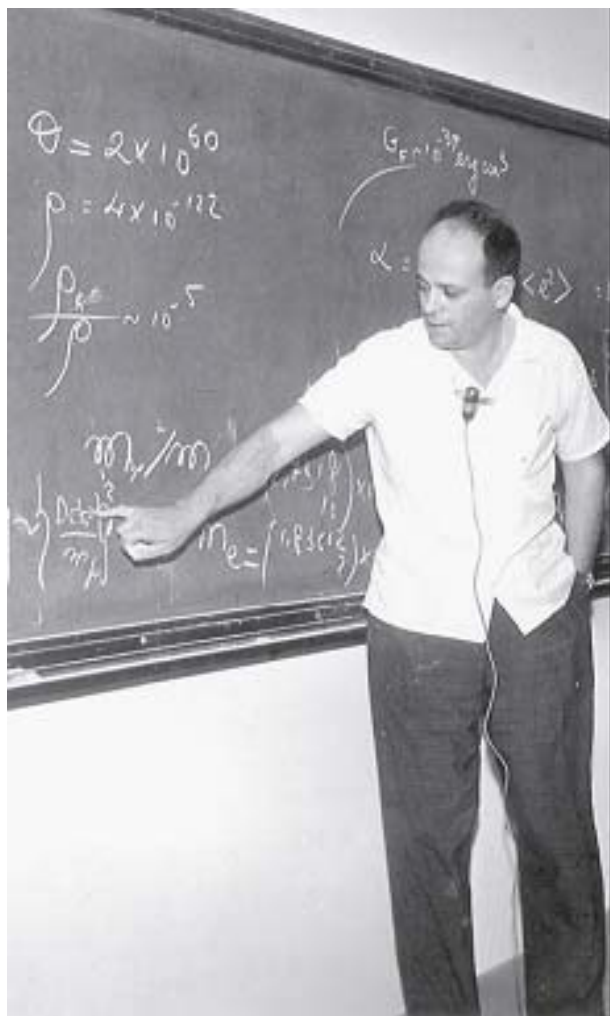
Havia, em Pisa uma competência atuante na determinação da idade geológica com os métodos do Rb – Sr e de K Ar, mas Lattes se interessou também pelo método dos traços de fissão então apenas formulado, e resolveu embarcar nele. Em Pisa, tomou um estagiário e começou do princípio<sup>5</sup>. Para dar um resumo simplificado, o método usa a mica Muscovita. A Muscovita existe na forma de finos folhetos transparentes à luz, onde fragmentos de fissão, provenientes de  $U^{238}$  ou do  $U^{235}$  do conteúdo em urânio natural, são “revelados”, mergulhando o folheto num agente corrosivo adequado. Após a corrosão, os fragmentos de fissão aparecem no microscópio ótico como curtos traços negros no fundo claro do campo. É necessário comprovar que o número de traços observados está livre de vícios de amostragem. Um dos testes aplicados foi sobre a eventual presença de direções privilegiadas para a detecção dos fragmentos de fissão. A distribuição angular das projeções dos traços de fissão no plano-objeto do microscópio, cobrindo o intervalo  $0^\circ$   $360^\circ$ , mostrou a existência de direções privilegiadas para sua detecção. Essas direções foram naturalmente associadas à organização cristalina da mica. Uma análise da curva obtida mostrou a presença de uma componente periódica com um eixo de simetria de ordem 5. A presença dessa simetria foi recebida com incredulidade pelo pessoal de raios-X e da cristalografia, já que é proibida por razões geométricas. Lattes não se abalou. Fez algumas novas medidas, confirmou as anteriores, assegurou-se de sua correção para então escrever e publicar um artigo a respeito<sup>6</sup>. Em 1984, passados oito anos daquela publicação, Daniel Schechtman anunciava um composto sintético em fase metálica mostrando no microscópio eletrônico espectro discreto típico de cristais, mas com a simetria de ordem dez, também proibida pela ortodoxia. Assim, a fidelidade de Lattes à prioridade da observação e experimentação sobre ideias e juízos preconceituosos, o levou ao anúncio antecipado

<sup>5</sup> Giulio Biggazi, o estagiário citado, fez um relato muito completo de todo esse trabalho e de seu relacionamento com Lattes em artigo publicado na referência 2, em colaboração com J.C. Hadler Neto.

<sup>6</sup> Biggazi, G., Ciocchetti, E.M. Hadler Neto, J.C., Lattes, C.M.G. and Serra, Dinah A.B. Osservazioni sull’anisotropia nella registrazione di fissioni di uranio in muscovite, Soc. It. Miner.Ptr. – Rendiconti XXXII, 119-127 (1976)

de simetrias proibidas nas estruturas cristalinas periódicas. Estruturas rigorosamente aperiódicas podem exibir espectros discretos característicos de cristais periódicos sem, entretanto, sofrer as limitações destes quanto às simetrias admissíveis. Mais recentemente foi encontrado na Rússia um mineral natural, como a Muscovita, com simetrias proibidas.

Nessa mesma linha crítica, questionou a promoção da velocidade de propagação da luz no vácuo à categoria de constante da física, sem que exaustivas comprovações fossem acumuladas pela observação e experimentação livre da influência de juízos e ideias preconceituosas. Naturalmente o alvo desse questionamento foi o comitê de gerenciamento do Sistema Internacional de Unidades que tomou a iniciativa. Muitos, entretanto, interpretaram o alvo de Lattes como sendo Einstein e a Relatividade Especial.



Lattes era possuidor de uma excepcional memória. Restaurava fatos do passado remoto com uma riqueza de detalhes que passam despercebidos à maioria das pessoas. Tinha também o dom dos cartunistas: com um rápido olhar figurava os traços ou gestos dominantes das pessoas. Usava esse dom não para desenhar retratos, mas para colocar apelidos. Foi um de meus primeiros encontros com ele, no limiar dos anos '50, o CBPF na Praia Vermelha com Pavilhão Mario de Almeida e Oficina Mecânica já funcionando. Pediu-me para dar um pulo na Oficina e chamar o "lagartixa". Eu, ainda estudante, conhecia sua fama de criar desafios para observar o desempenho das pessoas e assim não lhe perguntei

quem era o "lagartixa"; em último caso, perguntando aqui e ali, alguém deveria saber. Entrei na Oficina Mecânica passei os olhos nos presentes e me deparei com alguém cujas feições lembravam inequivocamente o doméstico réptil. Perguntei se era ele, disse que sim e passei o recado. Por volta de 1957 quando reassumi o cargo de Professor Titular do CBPF do qual se licenciara na esteira da grande crise de 1954, passei a encontra-lo com maior frequência para conversar sobre questões mais ligadas ao trabalho científico. Esses episódios marcam o início de minha amizade com Lattes, que teve momentos de afirmação, abalos e distanciamentos, mas só se desfez quando a ponte da vida deixou de nos ligar.



Nunca revelou maiores empenhos pelo exercício do magistério embora fosse um bom professor. Entretanto cuidou sempre com especial atenção das questões referentes ao ensino. Começou com a cadeira de Física Nuclear criada para ele na Faculdade Nacional de Filosofia da então Universidade do Brasil, hoje UFRJ. Assoberbado com o trabalho em Chacaltaya, nela colocou Ugo Camerini que fizera vir de Bristol com recursos da UNESCO. Seu ex-colega no Departamento de Física da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP, Camerini se destacara em Bristol pela descoberta de um méson novo. Poderia ter sido da maior valia, caso subisse para Chacaltaya acompanhando Lattes, mas este o deixou no Rio de Janeiro, indicando-o responsável pela cadeira de Física Nuclear da FNF<sup>7</sup>. Anos depois, consultado por autoridades na área da educação, apoiou a criação de Universidades novas no norte – nordeste e centro-oeste e chegou mesmo a firmar um convênio de colaboração com uma delas, no estado de Goiás. Esses gestos demonstram a atenção que deu ao ensino da física.

Tampouco ouvi dele em momento algum qualquer queixa sobre sentir-se usado por pessoas ou organizações. Entre-

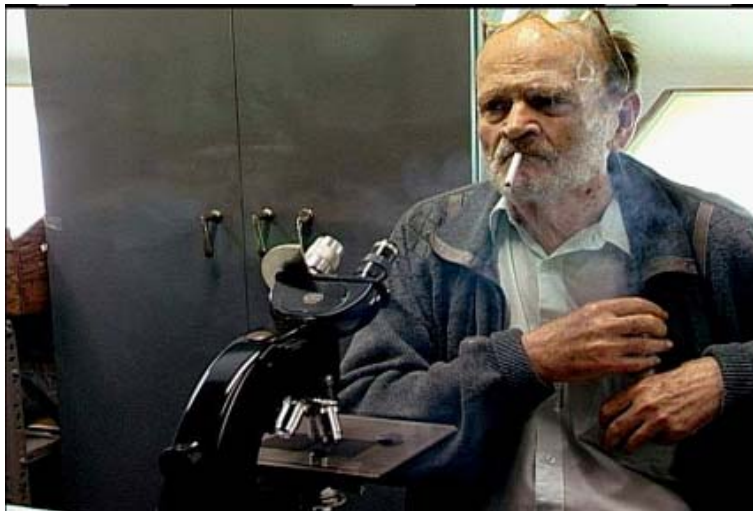
<sup>7</sup> Posteriormente, com o afastamento de Camerini para o exterior, indicou-me para ocupar aquela posição.

tanto, na minha percepção, encontrei algumas situações onde concluí que sim, teria se sentido usado. Na maioria das vezes minha percepção foi obscurecida pela subjetividade das situações, mas em uma delas posso concluir com certeza, pois disponho de uma prova material. A prova é uma bela fotomicrografia de um dos primeiros eventos do decaimento do méson-, assinada pelos descobridores, Lattes, Occhialini e Powell e dedicada ao Almirante Álvaro Alberto. Lattes me chamou um dia e disse: olha tenho uma coisa para você e me passou a foto. Fiquei emocionado com a foto em si, com os autógrafos dos autores e deixei de perguntar por que não fora entregue ao destinatário. Para elucidar essa incógnita tive de voltar no tempo até o episódio do cancelamento por Álvaro Alberto do projeto de Lattes para a construção no Brasil de um pequeno sincrociclotron com o apoio de E.O. Lawrence. Nesse projeto todos os problemas, inclusive os da construção das peças polares, seriam resolvidos no Brasil, com a participação de técnicos vindos de Berkeley. Esses técnicos já estavam no Brasil eu os conheci quando o projeto foi cancelado. Álvaro Alberto explicou a Lattes (e a Lawrence, suponho) que suas relações com setores



diplomáticos e nucleares americanos tinham atingido um impasse inconciliável e que ele precisava dar uma demonstração com alcance internacional de que os propósitos brasileiros eram pacíficos. Aceitou então o conselho de renomados físicos estrangeiros para contratar com a Universidade de Chicago a construção de um sincrociclotron com energia acima do limiar para a produção do méson-, pre-

cedido pela construção de um modelo em escala reduzida dentro do qual as principais dificuldades do projeto maior seriam equacionadas. Com isto acreditava dar a seus intransigentes interlocutores e ao mundo a mensagem de que o projeto brasileiro não visava a construção de armas nucleares, mas sim os objetivos pacíficos da pesquisa pura. Lattes acatou as razões de Álvaro Alberto; desistiu do seu projeto sem protesto, ou confronto. Porém não entregou a foto a ele dedicada. O cancelamento de seus planos mostrava que suas decisões como Diretor Científico do CBPF foram submetidas às demandas globais do projeto e outros cientistas, mas não ele, foram chamados para reformulá-las. Sentiu-se usado. O rompimento veio um pouco depois. Foi por ocasião de um desfalque dado por um alto executivo com funções simultâneas no CBPF e no CNPq por indicação de Álvaro Alberto. Na qualidade de alto funcionário do CBPF recebia e aplicava os recursos do CNPq; na qualidade de funcionário do CNPq, recebia e aprovava as prestações de contas. Em minha opinião essa circunstância foi fruto da boa fé antes que da má fé de Álvaro Alberto, mas sua posição ficou particularmente difícil porque, também ele, era ao mesmo tempo, Presidente do CNPq e Vice-presidente do CBPF. As contabilidades de ambas as instituições detectaram o desfalque, diante do que Álvaro Alberto obteve uma confissão de seu autor e um compromisso, com o aval de sua família, de devolver a quantia desviada. Diante da turbulência do momento político do país, Álvaro Alberto pediu ao setor científico do CBPF que guardasse sigilo sobre o episódio, até que a reposição da quantia fosse feita. Todos os Titulares concordaram, exceto Lattes. Não acredito que tenha sido por retaliação. Lattes, embora constrangido, acatara os argumentos apresentados por Álvaro Alberto para cancelar seu projeto. Porém, imagino, não acreditava que o desfalque já circulando entre as contabilidades do CBPF e do CNPq pudesse ser mantido em segredo sem vazar para o domínio público. Caso se calasse e a fraude viesse a público, sua reputação seria necessariamente atingida pelo menos com a marca da cumplicidade. Escreveu uma carta a um jornal carioca denunciando a operação fraudulenta. A denúncia serviu para tornar pública sua posição de condenação à fraude, mas não teve maior repercussão: o nível e teor dos escândalos que explodiam na mídia naqueles atormentados dias obscureceram completamente a denúncia de Lattes. Álvaro Alberto continuou gerenciando o problema do desfalque, processando judicialmente seu autor, entre outras medidas. Entretanto, após o suicídio de Vargas em agosto de 1954, a oposição política subiu ao poder, minando o limitado suporte político que lhe restava. A situação se agravou com o falecimento de João Alberto Lins de Barros, de quem recebia importante apoio, mas o golpe derradeiro foi dado pelos chamados “documentos secretos” que apareceram misteriosamente na Casa Civil do novo governo. Sem assinaturas, mas considerados autênticos, representando a opinião de setores diplomáticos do governo americano, um deles colocava Álvaro Alberto, como *persona non grata*, e obstáculo às boas relações Brasil-EUA. Em março de 1955 não resistiu às pressões: demitiu-se dos cargos que exercia no CBPF e no CNPq, e retirou-se da vida pública.



Assim, a carta de Lattes nada teve a ver com a queda de Álvaro Alberto.



Lattes era muito ciumento das pessoas a quem devotava afeto. Ciúme doentio, ao ponto de não admitir que algo pessoal, as envolvesse a revelia de sua participação. Não é difícil imaginar o conflito entre Lattes e seus familiares em decorrência desse ciúme. Adorava as filhas e a mulher, mas essa própria circunstância tornava muitas vezes difícil qualquer diálogo. Padeceu durante sua vida de um transtorno neurológico que o levava da completa abulia à frenética atividade, com inesgotável energia. Não sei quando começou, mas não lembro de qualquer evidência dele nos primeiros anos de nosso relacionamento. Na minha percepção não perdia contato com sua afetividade e racionalidade em nenhum momento, exceto talvez no auge daqueles extremos. Depois de seu falecimento emoldurei um artigo que escrevi em

sua memória<sup>8</sup> com um pensamento extraído de um personagem do semiólogo e escritor italiano, Umberto Eco: *Nascermos sempre sob o signo errado e existirmos no mundo de maneira dignificante equivale a corrigirmos dia após dia o nosso horóscopo.* Lattes lutou o quanto pode para vencer seus pesados atavismos; só o conseguiu, acredito, próximo ao final de sua vida.

Pouco antes de falecer fui a Campinas visitá-lo no hospital onde fora internado por cuidados que não poderia ter a nível doméstico. Encontrei-o mais fragilizado, porém completamente aliviado da ansiedade e tensão que costumavam dominar seu semblante. Conversamos longamente. Concluí que finalmente conseguira ‘modificar seu horóscopo’, conquistando a merecida tranquilidade.

Na ocasião pediu que lhe acendesse um cigarro. Fumou desenfadadamente toda a vida, circunstância que estava na raiz de sua fragilidade. Meu pensamento levou-me ao ano de 1981, quando deixei o vício e empenhei reiterados esforços para convencê-lo a fazer o mesmo. Sem o menor sucesso. Ironicamente, naquele momento a única coisa sensata a fazer era acender-lhe um cigarro. Acendi.

Frequentemente respondia de modo enigmático ou extravagante a questionamentos externos. Muitos usavam as provocativas respostas para criar em torno dele uma fama depreciativa, colocando-o como pessoa cujos atos eram inteiramente dominados por sua enfermidade. O que era falso; ele mesmo se valia intencionalmente da perplexidade que causava para manter a distância pessoas de quem não desejava se aproximar. Não se incomodava com eventuais difamações.

Muitas vezes suas extravagâncias não passavam de críticas pitorescas e bem humoradas. Certa vez, por exemplo, discuti com a funcionária da biblioteca do CBPF para inscrever seu cachorro o perdigueiro Gaúcho como leitor da biblioteca. Foi a forma que escolheu para protestar contra a opinião de um professor que sugeriu bloquear o acesso dos estudantes aos livros para evitar danos e roubos.

<sup>8</sup> Em Memória de Cesar Lattes, *Ciência e Sociedade* 004 (2005)





Mesmo para quem desfrutou de longa convivência com ele, não é fácil mergulhar no seu perfil humano, porque a presença de sua enfermidade sempre constituiu um fator de confusão. Sua personalidade transpira, assim mesmo, para além das fronteiras do transtorno e aparece com maior ou menor nitidez em todas as ocasiões. Nascido em berço abastado, conheceu o sucesso ainda muito jovem e conquistou enorme fama em áreas da física que ganharam particular destaque nos projetos de desenvolvimento das sociedades contemporâneas. Acho que isto lhe garantiu uma espécie de imunidade contra desvios de auto-afirmação: nunca se deixou embriagar pelo poder quando o exerceu.

Nas relações de trabalho era muito liberal com subordinados, funcionários, estudantes e professores, estimulando ordinariamente as convicções pessoais. Até mesmo apreciava alguma altivez em defendê-las. Algumas vezes essas relações se tornaram conflitivas. Manifestava então seu desagrado com energia, mas suas razões nem sempre emergiram com clareza. Entendo que se tenha equivocado algu-

mas vezes. Em geral, entretanto, era muito habilidoso no julgamento de méritos individuais, tanto no plano profissional como no ético.



Compartilhei com ele de numerosas reuniões festivas, oficiais, semioficiais, simples festinhas, no país e fora dele. Tenho boas razões, a partir desse convívio, para acreditar que o semblante carregado de ansiedade e tensão, escondia uma pessoa bem humorada, alegre, comunicativa, dona de raro charme pessoal, soberbo contador de histórias. Sua aparência tensa, seguida da divulgação muitas vezes maliciosa de uma ou outra extravagância, nem sempre favoreceu um julgamento correto. Acredito que agora as pessoas são mais tolerantes com as excentricidades alheias. Muitos dos seus críticos no passado, hoje, teriam dele uma opinião mais equilibrada.

Pedidos de cópias desta publicação devem ser enviados aos autores ou ao:

Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas  
Área de Publicações  
Rua Dr. Xavier Sigaud, 150 – 4<sup>o</sup> andar  
22290-180 – Rio de Janeiro, RJ  
Brasil  
E-mail: [socorro@cbpf.br](mailto:socorro@cbpf.br)/[valeria@cbpf.br](mailto:valeria@cbpf.br)  
[http://www.biblioteca.cbpf.br/index\\_2.html](http://www.biblioteca.cbpf.br/index_2.html)

Requests for copies of these reports should be addressed to:

Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas  
Área de Publicações  
Rua Dr. Xavier Sigaud, 150 – 4<sup>o</sup> andar  
22290-180 – Rio de Janeiro, RJ  
Brazil  
E-mail: [socorro@cbpf.br](mailto:socorro@cbpf.br)/[valeria@cbpf.br](mailto:valeria@cbpf.br)  
[http://www.biblioteca.cbpf.br/index\\_2.html](http://www.biblioteca.cbpf.br/index_2.html)